

FOGUEIRAS INQUISITÓRIAS E REDES SOCIAIS DIGITAIS: ESTUDO DO CASO FABIANE, “A BRUXA DO GUARUJÁ”

THE INQUISITIVE BONFIRES AND DIGITAL SOCIAL NETWORKS:
CASE STUDY FABIANE, “THE WITCH OF GUARUJÁ”

Bárbara Marques

Graduanda em Jornalismo; Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil;
barbara.crm@puccampinas.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-6621-455X>

Marcelo Pereira da Silva

Pós-doutor em Comunicação pela FAAC-Unesp; Docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas; Campinas, SP, Brasil;
marcelosilva_rp@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4363-8736>

Resumo: As emergentes redes sociais digitais têm transformado a disseminação de informações, potencializando o empoderamento dos sujeitos por meio das possibilidades de expressão e vindicação, mas, ao mesmo tempo, aumenta a conflitualidade e a circulação de discursos de raiva e indiferença. Analisamos, por meio de estudo de caso, o fenômeno da caça às bruxas, com foco para o caso Fabiane, “A bruxa do Guarujá”. Inferimos que este tipo de acontecimento colabora com a constituição de uma rede de violência que ganha replicabilidade nas redes sociais digitais.

Palavras-chave: Redes digitais, Estudo de caso, Caça às bruxas, Fabiane.

Abstract: The emerging digital social networks has transformed the dissemination of information, enhancing the empowerment of subjects through the possibilities of expression and vindication, but, at the same time, it increases conflict and the circulation of discourses of anger and indifference. We analyzed, through a case study, the phenomenon of the witch hunt, with a focus on the Fabiane case, “The Witch of Guarujá”. We infer that this type of event collaborates with the constitution of a network of violence that gains replicability in digital social networks.

Keywords: Social networks, Case study, With-hunting, Fabiane.

1 INTRODUÇÃO

Os processos de constituição das emergentes redes sociais digitais têm transformado a disseminação de conteúdos e informações, potencializando o empoderamento dos sujeitos por meio da expressão e vindicação, mas, ao mesmo tempo, aumentam a conflitualidade e a circulação de discursos de raiva e indiferença. Neste contexto analisamos, à luz dos estudos da comunicação e ancorados no campo teórico-metodológico do estudo de caso, de que modo funciona o fenômeno da “caça às bruxas” e como se atualiza na contemporaneidade a ponto de, em 2014, uma dona de casa de 33 anos ter sido linchada no Guarujá após ser acusada de sequestrar crianças para praticar magia negra.

Embora existam, na história, traços e valores-notícia desde o Império Romano, com a Acta Diurna, a mídia nasce em 1440, com a prensa móvel de Gutenberg. Esse acontecimento é responsável pela revolução cultural jamais vista antes: a mídia impressa se torna o principal veículo de difusão de ideias, gerando uma demanda por alfabetização, crescimento do comércio e o aumento da circulação de livros (BRIGGS; BURKE, 2004).

Sem esses fatores, o Renascimento não teria sido possível. Porém, ao mesmo tempo em que a sociedade ocidental sai de seu – assim chamado pelos iluministas – “período de trevas”, o racionalismo ascende como corrente filosófica e muitas mulheres na Europa começam a ser alvos de discursos violentos que as acusavam de bruxaria, levando-as à condenação nas fogueiras dos inquisidores.

Para Federici (2017), o fenômeno tem raízes nas transformações sociais que acompanharam o surgimento do capitalismo. Um exemplo é o caso do filósofo Thomas Hobbes que defendia a filosofia mecanicista cartesiana, mas também afirmava que embora a bruxaria contenha em si nenhum poder de efetivo, mas é justo que as castiguem pela falsa crença que têm de ser a causa do malefício e, ademais, por seu propósito de fazê-lo, se puderem (HOBBS, 1963 *apud* FEDERICI, 2017, p. 261).”

Além disso, a publicação de manuais para inquisidores (como o *Malleus Maleficarum*, de 1486) logo no início da imprensa também têm uma participação considerável no processo. Crenças foram criadas, reforçadas e espalhadas pela sociedade e meios de comunicação da época.

Neste sentido, o auge do fenômeno da Caça às Bruxas coincide com o surgimento da imprensa e, diante de acontecimentos como o caso de Fabiane de Jesus, é necessário problematizar sua atualização pois, de maneira sutil, mas eficaz, os elementos da linguagem podem se materializar tanto em enunciados da mídia tradicional quanto nas redes sociais on-line.

Diante desta perspectiva histórica do surgimento da mídia, que se desenrola até o cenário atual, no qual as redes digitais assumem papel relevante na dinâmica da

comunicação e da interatividade, analisamos como acontecimentos de uma era tão distante podem se materializar em diferentes dizeres do século XXI. Buscamos responder, neste artigo, à seguinte pergunta: De que maneira a Caça às Bruxas, evento ocorrido entre os séculos XV e XVII, pode influenciar e se materializar em discursos midiáticos, podendo estimular comportamentos e atitudes na contemporaneidade, como o caso de Fabiane de Jesus, a 'Bruxa do Guarujá'?

2 COMUNICAÇÃO E A RELEVÂNCIA DAS ALTERIDADES

Marcondes Filho (2018) explica que todos os seres vivos emitem sinais, por isso tudo e todos são emissores. Alguns são passivos, no sentido de que apenas comunicam sua existência, por exemplo uma montanha que está presente ocupando seu campo de visão, enquanto os emissores ativos têm o poder de comunicar algo, fazer compreender uma mensagem por meio da negociação de sentidos, sedução e persuasão.

Desta forma, não existe o lado negativo de comunicação. É como não se comportar: não demonstrar uma reação já é um comportamento. Porém, nesse cenário, precisamos estabelecer uma relação: a comunicação antecede o comportamento, pois quando ela é efetiva, é recebida pelo outro em seu íntimo (MARCONDES FILHO, 2018).

A essa intimidade, Marcondes Filho (2018) chama de alteridade. Notar o sinal do outro e ignorá-lo não é alteridade, haja vista que o receptor não permite a entrada do emissor. Nesse sentido, a comunicação sem alteridade é o que sustenta posturas anacrônicas, uma vez que o indivíduo busca mensagens que reforçam ideias já consolidadas por ele mesmo. O discurso produz efeitos de sentido e pode convencer sujeitos à ação. Se existe um enunciado, ele serve ou para reforçar dogmas pré-existentes, como a ideia de uma bruxa que precisa ser caçada ou para tentar quebrar essas concepções. Uma opção exclui a outra.

Relevante ressaltar que nem toda relação é uma comunicação, mas toda comunicação é uma relação organizada pela linguagem. Por isso é preciso compreender que uma mensagem, ou seja, o pacote de representações que serve de ponto de passagem para as significações sociais, não pode ser desassociada de seu contexto. Nesta linha conceitual, Baitello (2014) afirma que o sentido é um conjunto de vínculos maiores que levam em conta o homem em sua dimensão histórica, política, social, psicológica e antropológica. Em outras palavras, compreende a complexidade da humanidade e das relações entre os indivíduos.

Entendemos a cultura, na esteira de Baitello (2014), como a transmissão social de técnicas que permitem a durabilidade de uma informação no tempo por meio de processos

de aprendizagem, o que nos leva a concluir que ela é a principal responsável pela produção de sentido em uma civilização.

Essa transmissão entre sujeitos, ao longo do tempo, torna-se uma forma de comunicação, já que o processo de tornar algo comum é estabelecer, através da linguagem, uma relação que permite a sobrevivência da espécie para o conjunto de indivíduos nas estruturas sociais. Portanto, pertencer a uma cultura, a uma sociedade, é participar de processos de significação (PERUZZOLO, 2006).

3 A ÉTICA NO ECOSISTEMA DIGITAL

É impossível falar sobre a dinâmica das mídias sociais digitais e não pensar nas questões de ética. No contexto atual, a discussão sobre se as redes são ou não reais já se tornou ultrapassada. A Web é real não só porque ela é, por si só, um ambiente de socialização, mas também porque invade a esfera presencial. Para Lévy (*apud* MERCURI, 2016), a virtualização é um processo de transformação do modo de ser num outro. O virtual não substitui o real, mas potencializa sua atuação. Essa extensão cria um novo ritmo no qual as velocidades e os meios de comunicação são acelerados.

Mercuri (2016) faz uma leitura dos linchamentos virtuais como uma atualização dos linchamentos que existiram ao longo da história, como exemplifica o movimento de caça às bruxas. Existem algumas particularidades desta prática que são comuns a todos os contextos: o linchamento é um crime coletivo, praticado por um conjunto de atores e que tem como fim a extinção do réu, pois acredita que isso restaurará a ordem social.

A punição acontece de maneira pública, seja em ruas ou praças ou nas redes sociais virtuais, onde impera a justiça popular. Nela, indivíduos se unem para assumir o papel que, pela norma, seria do Estado, sob a justificativa de legitimidade, já que pune um ato prévio que foi considerado condenável sob critérios que fogem do campo da legislação. Desta forma, qualquer ação pode acarretar um linchamento, cuja orientação do julgamento ocorre pela emoção dos participantes e não a imparcialidade da razão e a valorização dos fatos.

Entender os linchamentos à luz da virtualidade implica em entender que, com a globalização, esses processos são elevados a uma potência avassaladora, haja vista que, como explica Baitello (2014), as ferramentas comunicativas, seja o papel ou o celular, amplificam as mensagens nos campos comunicativos: tempo, espaço e intensidades. Destarte, debater uma ética para o espaço digital requer compreender que os linchamentos virtuais — atualmente também chamados de cancelamentos — significa olhar para uma prática antiga que antecede à Web.

Também é necessário abranger as particularidades deste fenômeno nas mídias e

redes sociais on-line. Segundo Brasileiro e Azevedo (2020), nas redes, existem três fatores principais que formam o tripé do linchamento virtual: a denúncia, o julgamento e a punição. Ao confrontar, diretamente, coletivamente e publicamente o sujeito que cometeu um ato reprovável, os tribunais digitais comunicam e direcionam a situação de forma a distribuir os sentimentos coletivos contra um indivíduo, que passa a personificar todos os problemas que afligem uma sociedade. Esta dinâmica se revela também na estrutura de uma postagem que incita linchamento nas redes: como apontaremos adiante no caso de Fabiane de Jesus, a 'Bruxa do Guarujá', a denúncia expõe nome e foto da vítima para que os demais usuários da web possam decidir a sua sentença.

Os linchamentos são frutos de uma comunicação sem alteridade levada às últimas consequências, de maneira a transformar a violência simbólica, exercida através das palavras, em violência física, por meio dos golpes.

Com isso, chegamos ao que Wolton (2011) considera como o grande desafio do século XXI: como coabitar com o outro, dando importância à sua existência, à sua identidade e à sua alteridade? Essa é a principal questão que norteia os esforços da comunicação, considerando que os meios técnicos e tecnológicos são imprescindíveis para que ela ocorra; comunicar-se, como vimos, não é algo de mão única, mas representa o estabelecimento de uma relação com o outro, sem subjugar-lo.

Para Baitello (2014), a explosão informacional gera uma série de processos comunicativos que implicam na construção e na expansão de vínculos. Se entendermos essa concepção à luz da virtualização proposta Mercuri (2016), concluímos que o mundo virtual pode promover a reinterpretação de significados tanto quanto pode atualizar as estruturas sociais pré- estabelecidas de maneira ainda mais violenta.

Desta forma, é fulcral que se proponha e pratique uma ética que permeie o ciberespaço, pois caso contrário condutas e conceitos construídos historicamente serão repetidos ininterruptamente.

4 METODOLOGIA: Caça às bruxas nas redes digitais – Estudo do caso Fabiane, "a bruxa do Guarujá"

O estudo de caso é uma metodologia majoritariamente qualitativa, mas que também pode incluir evidências quantitativas, buscando responder questionamentos sobre um evento e/ou caso. É uma metodologia eficiente em inserir pesquisadores nas técnicas e métodos de pesquisa e integra um conjunto de ferramentas para levantamento e análise de informações (DUARTE, 2005).

Como método, o estudo de caso olha para a realidade social, proporcionando uma análise intensiva realizada em uma única ou mais organizações reais, e reúne informações para entender a complexidade de uma situação. Yin define o estudo de caso como uma investigação empírica que pesquisa “um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”, segundo Yin (2001, p. 32).

Essa metodologia compreende um “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”, conforme Gil (2002, p. 54). Esse tipo de estudo quer compreender fenômenos sociais complexos, sejam individuais, organizacionais, sociais ou políticos, permitindo que a investigação preserve as características integrais e significativas do evento ou caso (YIN, 2001).

O estudo de caso não tem como objetivo proporcionar conhecimentos e características determinantes do evento ou caso estudado, mas o de “proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados” (GIL, 2002, p. 55), permitindo identificar os diversos elementos que compõe uma situação ou problema e compartilhar o conhecimento gerado pela pesquisa, além de possibilitar que outros indivíduos apreendam suas considerações particulares (DUARTE, 2005).

5 RESULTADOS DO ESTUDO DE CASO FABIANE, “A BRUXA DO GUARUJÁ”

A criação de uma cultura de comunicação desafia as estruturas sociais que regem a nossa vida, pois como Wolton (2011) observa, a globalização acelera o pensamento utópico e escancara as dificuldades da comunicação que são, por sua vez, históricas e, sobretudo, de coabitação. Um caso que retrata essas dificuldades, na atualidade, e conversa com a história, é o linchamento de Fabiane Jesus, conhecida como “A Bruxa do Guarujá”.

Fabiane Maria de Jesus era uma dona de casa de 33 anos, moradora de um bairro da periferia da cidade do Guarujá, na baixada santista. A versão mais aceita do que aconteceu no dia 3 de maio de 2014 é que ela teria ido até a igreja para pegar uma bíblia que teria esquecido. Na volta para casa, encontrou uma criança na rua e a cumprimentou. A mãe desta criança a confundiu com uma suposta sequestradora que raptava crianças para praticar magia negra. A ‘notícia’ havia sido publicada em um jornal local e replicada na página de Facebook “Guarujá Alerta”, com o seguinte retrato:

Figura 1: Retrato falado.



Fonte: Rossi (2014).

Após ser confundida com a suposta bruxa, Fabiane foi morta e linchada por parte da comunidade enfurecida. Sua agressão foi, inclusive, transmitida nas redes digitais. Os moradores da divisão 4 do bairro Morrinhos amarram-na, a agrediram e a levaram para os fundos do bairro:

Figura 2: Imagem do linchamento.



Fonte: Castro (2014).

Os vizinhos denunciaram a agressão à Polícia Militar, porém as viaturas tiveram dificuldades de chegar ao local por conta da multidão. Os policiais conseguiram resgatá-la, ela chegou a ser socorrida e internada em estado crítico no Hospital Santo Amaro, também em Guarujá. Enquanto ela era levada pelos policiais em uma maca, é possível escutar gritos de "assassina" ao fundo:

Figura 3: Fabiane em atendimento médico.



Fonte: Castro (2014)

A imagem do retrato falado que influenciou a percepção da comunidade surgiu em 2012, como explica Fonseca e Rantin (2017), no contexto em que a polícia carioca investigava uma mulher suspeita de ter esfaqueado outra para sequestrar sua filha recém nascida.

Depois, ressurgiu em 2014 sob o boato de uma sequestradora de crianças do Rio de Janeiro, em uma postagem, agora já excluída, que chegou aos 8 mil compartilhamentos. Apesar do jornal "Entre Rios" ter desmentido a informação no mesmo dia, o periódico "Pontal de Notícias" publicou o retrato falado com a seguinte nota:

A mulher do retrato falado acima é uma criminosa que tentou sequestrar uma criança em uma creche em Pontal do Paraná. Segundo informações, essa moça sequestra crianças para praticar magia negra e está sendo procurada pela polícia por ser acusada de sequestrar mais de 30 crianças. (HERMAN, 2014 *apud* FONSECA; RANTIN, 2017, p. 2).

Fonseca e Rantin (2017) identificam uma série de elementos visuais como itens que constroem o imaginário coletivo de modo a orientar e provocar uma ação violenta por parte dos receptores de determinada mensagem. No caso de Fabiane, os símbolos listados pelos autores são as ideias de bruxa, cabelo, criança, fruto, livro e fogo que, ao serem reconhecidos pelos receptores, ajudam na criação de um bode expiatório que se torna a vítima ideal para que a violência se canalize, por meio de um movimento organizado, com o objetivo de restaurar uma suposta ordem social.

Em outras palavras, como explica Jackson (1987), o bode expiatório concentra em sua figura um mal maior que ele mesmo. Em 1692, uma histeria coletiva tomou conta

do vilarejo de Salem, estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, após a filha de nove anos do reverendo Parris ter sido diagnosticada pelo médico do vilarejo como vítima de bruxaria. De início, três pessoas foram acusadas: Tituba, uma mulher escravizada trazida da América do Sul, Sarah Good, uma mendiga excêntrica e Sarah Osborne, uma idosa adoentada; pessoas que já cabiam nos moldes do papel de bruxa no imaginário popular.

Apesar das redes on-line terem um papel fundamental no linchamento de Fabiane, a mensagem é mais antiga, remontando ao contexto da imprensa de Guttenberg de 1440, quando a propaganda religiosa sobre as "servas de Satã" replicava tal como um meme viraliza no ecossistema digital.

Sollée (2017) argumenta que a partir da publicação do primeiro manual de inquisidores em 1489, o *Malleus Maleficarum* de Heinrich Kramer, que foi impresso em grande escala até 1669, houve um impacto significativo em como os europeus viam a figura da bruxa. Além dos textos escritos, a edição contava também com ilustrações e propunha uma narrativa visual da bruxaria. O processo de impressão dá origem à cultura da mimeose, que contribui para espalhar o pânico acerca da bruxaria, consolidando a intolerância e a violência simbólica.

Figura 4: Postagem na página "Guarujá alerta".



Fonte: Rossi (2014).

Figura 5: Postagem na plataforma Facebook.



Fonte: Rossi (2014).

Para Mercuri (2016), o discurso de raiva e desprezo à face do outro está incluso no linchamento virtual e fomenta a violência para além das redes. A propaganda religiosa sobre as “servas de Satã” replicavam tal como um meme viraliza, hoje, no ecossistema digital. Sollée (2017) acredita que por mais que a era da Caça às Bruxas tenha acabado oficialmente, a “caça às bruxas” não terminou e ainda faz vítimas como Fabiane de Jesus e o caso do Guarujá, revelando o poder do boato e do coletivismo na prática da vingança e suposta recuperação da ordem comunitária.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender a prática dos linchamentos virtuais é preciso entendê-los não apenas como um fenômeno das redes on-line, já que os efeitos ultrapassam o digital e atingem o sujeito na cotidianidade. Precisamos pensar em uma ética pró-ativa e adaptativa às diversas mídias que possibilitam a circulação de informação e desinformação, estimulando práticas de vingança e justiça próprias, como o caso em análise.

Segundo Wolton (2011), as dificuldades da comunicação são históricas e foram perpetuadas pela linguagem, uma vez que ela intermedeia a relação dos sujeitos com o mundo. Sollée (2017) define a metáfora “caça às bruxas” como uma perseguição justificada

por uma reprovação moral, uma alegação de intenção subversiva, uma conspiração ou uma traição encoberta. O caso de Fabiane ilustra que essa concepção não está longe da realidade, seja pelo fator da temporalidade seja pelo espaço e que precisamos entender como esse fenômeno, como aponta Lévy (*apud* MERCURI, 2016), foi atualizado através do processo de virtualização.

Por meio do compartilhamento acelerado de textos, fotos e acusações, os tribunais digitais comunicam e direcionam os acontecimentos para que os sentimentos coletivos e as ações decorrentes deles sejam distribuídas contra o suposto errante. Essa distribuição, por sua vez, ocorre por meio da disseminação de discursos violentos que criam vítimas e se perpetua a agressão para além das redes on-line, como o caso de Fabiane. Para Mercuri (2016), uma vez que um linchamento virtual é instaurado, ocorre uma verdadeira caçada às "bruxas" que, por sua vez, podem ser qualquer pessoa considerada culpada pelos justiceiros.

Neste sentido, a luta contra as notícias falsas e as mentiras que se espalham nos dias atuais, tal como no período da caça às bruxas, é sobretudo cibernética. Embora, como dito por Butler (1997), não haja maneira de 'purificar' a linguagem de seu passado traumático, é possível utilizar as palavras que eram usadas para oprimir de maneira estratégica, como forma de resistência ao mal e à maldade que são próprios do ser humano.

Entender a propagação de discursos de vingança por meio de casos concretos é essencial para que se evitem injustiças e crimes hediondos, como o de Fabiane de Jesus. As redes sociais digitais são um lugar propício para se desconstruírem narrativas e se produzirem as condições habitativas da convivência, haja vista que a comunicação, como defende Wolton (2011), consiste num espaço simbólico para que as coisas possam ser ditas pelas palavras, não pelos golpes e pela violência contra a face do outro.

REFERÊNCIAS

BAITELLO, Junior, Norval. *A era da iconofagia: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura*. São Paulo: Paulus, 2014.

BRASILEIRO, Fellipe Sá; AZEVEDO, Jade Villar. Novas práticas de linchamento virtual: fachadas erradas e cancelamento de pessoas na cultura digital. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*. V. 19, n. 34. 2020.

BRIGGS, A; BURKE, P. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BUTLER, Judith. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. New York: Routledge. 1997.

CASTRO, João Paulo. Moradores se reúnem para agredir mulher em bairro de Guarujá, SP. *G1 Santos e Região*. Santos, 4 de maio de 2014. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-e-acusada-de-roubar-criancas-e-agredida-ate-morte-por-moradores.html>> Acesso em: 30 de ago. 2021.

DUARTE, Márcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

FONSECA, André Azevedo da; RANTIN, Cristiano. Fogueiras Modernas: os símbolos da narrativa da "Bruxa do Guarujá" no linchamento de Fabiane de Jesus. *Semeiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista*. [suporte eletrônico]. Disponível em: <http://www.semeiosis.com.br/wp-content/uploads/2018/08/semeiosis_131_2.pdf>. Acesso em 01/03/2019.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JACKSON, Shirley. *The Witchcraft of Salem Village*. New York: Random House Books, 1987.

KRAMER, H. & SPRENGER, J. *O Martelo das Feiticeiras: Malleus Maleficarum*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação ou mediologia? A fundação de um campo científico da comunicação*. São Paulo; Paulus, 2018.

MERCURI, Karen Tank. *Linchamentos virtuais: paradoxos nas relações sociais contemporâneas*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas. Limeira, SP, [s.n], 2016.

RUSSELL, Jeffrey B. *História da Bruxaria* / Jeffrey B Russell, Brooks Alexander. Trad. Álvaro Cabral, William Lagos. – 2 ed – São Paulo: Aleph, 2019.

ROSSI, Mariane. Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP. *G1 Santos e Região*. Santos, 5 de maio de 2014. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>> Acesso em 30 de agosto de 2021.

SANTANELLA, Lucia. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga, traição e histeria em Salem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SOLLÉE, Kristen J. *Witches, sluts, feminists: Conjuring the sex positive*. California: ThreeL Media | Stone Bridge Press, 2017.

WOLTON, Dominique. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

YIN, Roberto K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.